



# Os FILHOS DO CAPITÃO GRANT





# Os FILHOS DO CAPITÃO GRANT

2ª Edição

 EDITORA  
RIDEEL

## EXPEDIENTE

PRESIDENTE E EDITOR	Italo Amadio
DIRETORA EDITORIAL	Katia F. Amadio
ASSISTENTE EDITORIAL	Edna Emiko Nomura
ADAPTAÇÃO	Margareth Fiorini
ILUSTRAÇÕES DE CAPA	Susy Braz Reijado
REVISÃO	Tiago Sliachticas
NOTAS DE RODAPÉ	Mônica Hamada
ROTEIRO DE LEITURA	Ana Tereza Pinto de Oliveira
EDIÇÃO DE ARTE	Hulda Melo
DIAGRAMAÇÃO	Denilson dos Santos
PRODUÇÃO GRÁFICA	Hélio Ramos
IMPRESSÃO	Leograf Gráfica e Editora Ltda.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

FIORINI, MARGARETH

COLEÇÃO JULIO VERNE / JULIO VERNE ; ADAPTAÇÃO MARGARETH FIORINI. – 2. ED. – SÃO PAULO: RIDEEL, 2009.

CONTEÚDO: A ILHA MISTERIOSA – A VOLTA AO MUNDO EM OITENTA DIAS – CAPITÃO HATTERAS – NORTE CONTRA O SUL – OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT – TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES – UM CAPITÃO DE QUINZE ANOS – VIAGEM AO REDOR DA LUA – VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS

1. LITERATURA INFANTO-JUVENIL 2. VERNE, JULES, 1828-1905 I. TÍTULO.

09-01444  
028.5

CDD-

ISBN: 978-85-339-1172-7

© Copyright - Todos os direitos reservados à



Av, Casa Verde, 455  
Santa Terezinha - São Paulo - SP  
CEP 02519-000  
www.rideel.com.br  
e-mail: sac@rideel.com.br



Proibida qualquer reprodução, seja mecânica  
ou eletrônica, total ou parcial, sem prévia  
permissão por escrito do editor.

1 3 5 7 9 8 6 4 2  
0 4 0 9

## *Prefácio*

Precursor da ficção-científica, Júlio Verne revela sua importância pela maneira como compreendeu o mundo em que vivia, a ponto de antever várias das descobertas científicas que se concretizariam somente no século XX, como o submarino ou a viagem à lua.

Suas aventuras entretêm adolescentes de todo o mundo há gerações, levando seus leitores à viagens espetaculares.

Seu realismo advém de sua estrutura baseada sobre seu conhecimento científico e sobre sua habilidade em construir personagens singulares.

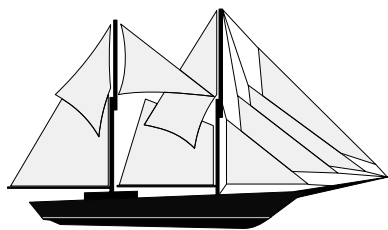
Ler Júlio Verne é vislumbrar a perplexidade do homem do século XIX diante do mundo que se descortinava à sua frente, é viver a emoção das novas descobertas na companhia de homens intrépidos numa nova expedição rumo ao desconhecido, é, finalmente, conhecer todos os recônditos da Terra.

Esta coleção traz as obras deste notável autor com texto adaptado de forma a agilizar a leitura sem prejudicar o desenvolvimento de suas narrativas.

Ao rodapé das páginas foi incluído um glossário em que também constam fatos históricos e coordenadas geográficas para facilitar a compreensão dos textos e sua localização espaço-temporal.

Além disso, um Roteiro de Leitura que, preenchido, resultará num pequeno resumo da obra.

Esperamos, desta forma, resgatar a obra deste autor, difundindo-o entre todos os brasileiros.



**A** 26 de julho de 1864, um iate navegava a todo o vapor nas águas do Canal do Norte. Sua origem era inglesa e estavam a bordo os seus proprietários, lorde<sup>1</sup> e lady<sup>2</sup> Glenarvan, e o major Mac Nabs, primo deles, além, é claro, da tripulação. O iate chamava-se “Duncan” e fazia viagem inaugural, seguindo para a Grécia.

O capitão era o jovem John Mangles, que naquele momento avistara um enorme tubarão aproximando-se do “Duncan”.

— Parece um “balance fish” — informou Mangles, querendo dizer com isso que o tubarão era assim chamado por sua cabeça assemelhar-se a uma balança.

Mangles pediu ao lorde Glenarvan autorização para caçar o esqualo<sup>3</sup>, no que foi atendido. Logo depois, os marinheiros deitaram na água um cabo resistente, de cuja ponta seguia anzol poderosíssimo: um pedaço de toucinho. O tubarão mordeu a isca com voracidade, lutou contra o anzol, mas pouco depois subia ao iate, já sem forças, onde recebeu o golpe final.

A bordo, os marinheiros abriram o tubarão a machadadas, pois é hábito entre eles observar o que

<sup>1</sup> **Lorde**: título dado na Inglaterra aos nobres e membros da Câmara Alta; indivíduo rico.

<sup>2</sup> **Lady**: título que na Inglaterra se dá às senhoras da nobreza; tratamento dado às senhoras de elevada posição social e/ou de maneiras refinadas.

<sup>3</sup> **Esqualo**: peixe de esqueleto cartilaginoso, como o tubarão e o cação. No contexto, é usado como sinônimo de tubarão.



contém o estômago desses animais pouco seletivos na alimentação. Foi assim que encontraram uma garrafa e, dentro dela, papéis quase ilegíveis, destruídos quase que totalmente pela ação do mar.

Lorde Glenarvan passou alguns minutos examinando-os com atenção. Colocou-os em todas as posições contra a luz do sol e tentou de todas as formas decifrar aquela estranha mensagem.

Rodeado por todos os curiosos, lorde Glenarvan chegou à conclusão de que se tratava de uma mensagem escrita sobre algum naufrágio. Era preciso reunir o que sobrara dela e tentar decifrá-la.

Depois de muitos estudos e de algumas suposições, Glenarvan concluiu:

— Em 7 de junho de 1862, a galera<sup>4</sup> “Britannia”, de Glasgow, naufragou na costa da Patagônia<sup>5</sup>, no hemisfério austral<sup>6</sup>. Dois marinheiros e o Capitão Grant atingiram um continente, mas foram aprisionados por indígenas cruéis. Lançaram este documento ao mar em grau de longitude e 37°11’ de latitude. — Glenarvan dobrou cuidadosamente a mensagem e a protegeu.

Tencionava levá-la ao governo inglês, para que este providenciasse a busca do Capitão Grant e seus homens. Por esta razão, deu ordem de retorno ao capitão Mangles.

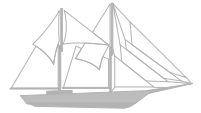
Quando o “Duncan” aportou, lady Helena e o major Mac Nabs seguiram para o castelo de Malcolm, enquanto Glenarvan foi a Londres procurar as autoridades para entregar a mensagem encontrada.

<sup>4</sup> Galera: antiga embarcação, comprida e estreita, de velas e remos, com dois ou três mastros.

<sup>5</sup> Patagônia: Região desértica localizada no sul da Argentina.

<sup>6</sup> Hemisfério austral: hemisfério sul.

Antes, porém, telegrafou aos jornais *Times* e *Morning Chronicle*, nos seguintes termos: “Para esclarecimentos sobre o navio ‘Britannia’ e Capitão Grant, dirijam-se a lorde Glenarvan, Castelo Malcolm, Luss, condado de Dumbarton, Escócia.”



Glenarvan tinha uma grande fortuna e a empregava em fazer o bem, já que sua bondade não tinha limites, embora a generosidade forçosamente o tivesse. Estava com 32 anos, era alto e tinha feições severas; contudo, uma infinita doçura habitava seu olhar. Ele representava o condado na Câmara dos Lordes, mas os homens da Inglaterra não viam com bons olhos a forma como ele se apegava às tradições escocesas. Casara-se com miss Helena fazia três meses. Ela não era nobre, tinha 22 anos e era órfã de um grande navegador escocês. Helena era digna representante da beleza da mulher escocesa, o que parecia suficiente para Glenarvan. Casaram-se e viviam felizes no castelo de Malcolm.

Ao presentear lady Helena com o “Duncan”, ele não se enganara. Sabia que o coração da esposa estava habitado das aspirações paternas quanto às viagens, mas a lua-de-mel que faziam pelo mar Mediterrâneo até a Grécia fora interrompida pela mensagem dos naufragos.

As notícias que ele enviava à esposa não eram nada animadoras. Em Londres, não estava obtendo apoio junto ao almirantado para o resgate do Capitão Grant.

Helena estava só no castelo quando o mordomo anunciou a visita de uma mocinha de 16 anos e de



um garoto de 12. Eram Maria e Roberto, os filhos do Capitão Grant, que haviam tomado conhecimento do anúncio de Glenarvan pelos jornais. Ela os recebeu sem demora, e com carinho relatou a eles o que ocorrera a bordo do “Duncan”, após a pesca do tubarão e o encontro da mensagem de Grant. Porém, omitiu o desânimo que o marido anunciava nas cartas e ofereceu hospedagem às duas crianças, no próprio castelo, até o retorno de lorde Glenarvan. Helena também não teve coragem de lhes contar que Grant estava aprisionado por indígenas cruéis, o que só serviria para aumentar-lhes a aflição.

Nos dias que se seguiram, uma profunda amizade nasceu entre ela e as crianças. Helena ficou conhecendo a história do valente Capitão Grant: escocês de nascimento, homem dotado de grande inteligência, fizera boa fortuna como navegador e comerciante e resolvera fundar uma colônia no Pacífico — a Nova Escócia! Tendo deixado as crianças sob a proteção de uma prima, ele partiu no navio “Britannia”, onde colocou toda a sua fortuna e o dinheiro obtido em campanha junto aos escoceses de coração, que não tinham os mesmos interesses dos ingleses, na terra invadida.

Até junho de 1862, haviam recebido notícias dele. Após sua partida de Callao, nada mais chegou. Com a morte da velha prima, Maria assumiu os deveres da casa, educando o irmão mais novo como filho e lutando contra dificuldades financeiras.

Naquela noite, todos foram dormir, ansiosos, à espera de lorde Glenarvan, que só chegou na manhã

seguinte, profundamente abatido. Nada conseguira junto às autoridades inglesas. Sob pretextos de perdas inúteis de dinheiro e de homens, a real razão era encoberta: o patriotismo do escocês Grant não agradava aos ingleses!



Quando as crianças arrumavam-se para partir, tristes e desesperançadas, lady Helena propôs ao marido que se utilizassem do “Duncan” não mais para uma viagem de lazer, mas para o resgate do Capitão Grant, no que foi prontamente atendida, sob o louvor das crianças e dos empregados do castelo.

Assim, sem demoras o “Duncan” se fez ao mar, acompanhado de uma tripulação de vinte e cinco homens, comandados pelo jovem capitão Mangles. A bordo, iam o casal Glenarvan, os filhos do Capitão Grant e o major Mac Nabs. A opinião pública aclamava o empreendimento de Glenarvan, ao mesmo tempo que censurava o procedimento das autoridades inglesas.

Entre os passageiros solidificou-se uma profunda amizade. Viajavam todos irmanados no mesmo sentimento de esperança. Logo no primeiro dia de viagem, o major encontrou um homem chamado Jacques Paganel, que embarcara por engano no “Duncan”. Era membro da Sociedade de Geografia de Paris e se dirigia às Índias para estudar os grandes navegadores. Mas confundira o “Duncan”, um iate de porte médio, com o grande navio “Escócia”!

Todos riram daquela “distração” e o próprio Paganel, depois de se recuperar do susto, acabou por rir também. Planejava descer no próximo porto onde o



“Duncan” ancorasse, que seria em Madeira, para voltar ao seu destino. Fez amizade com todos e, quando soube do motivo da viagem de Glenarvan, interessou-se em analisar o bilhete de Grant, mas nada pôde acrescentar às decifrações feitas pelo lorde.

Ao se aproximarem de Madeira, Paganel sugeriu que fossem até as Canárias, que são próximas, o que não atrasaria a viagem. O capitão Mangles concordou. Quando estavam chegando às ilhas Canárias, Paganel propôs nova alteração: que fossem até o Cabo Verde, com que o capitão igualmente concordou.

Ao desembarcar em Cabo Verde, Paganel soube que um navio para a Europa poderia passar em seis meses, o que acabaria com a sua missão nas Índias. Glenarvan e sua esposa insistiram para que ele viajasse com eles à procura de Grant.

— Um geógrafo pode servir nossa expedição. Qual a função maior da ciência, senão a de se pôr a serviço da humanidade? A França e a Escócia se unem para resgatar o capitão Grant!

Não foram necessários outros argumentos. Paganel seguiu o destino que sua distração traçara e todos foram para a América do Sul, via estreito de Magalhães. No percurso, Paganel devorava mapas e se punha a estudar espanhol, por conta própria, em seu camarote. Achava que o recurso linguístico auxiliaria as pesquisas que fariam na América do Sul.

Ao mesmo tempo que estudava, aprimorava a educação de Roberto. Naquele dia, fez uma dissertação sobre os navegadores que assombrou a todos:

— Colombo morreu sem saber que havia descoberto um novo continente. Naquele tempo, só queria buscar o oriente via ocidente. Ele julgou que as terras americanas fossem chinesas, ou japonesas... Seus sucessores revelaram essa descoberta. A Magalhães ficou a glória de viajar em volta do novo continente. Os irmãos Pizarro descobriram a costa ocidental e fundaram Cuzco, Quito, Lima, Santiago, Vila Rica e Concepción, nosso destino.



Navegando pela costa brasileira, a 15 de setembro o “Duncan” cruzou o Trópico de Capricórnio e a 25 atingiu o Estreito de Magalhães. Paganel entristeceu-se em não ver os famosos habitantes da Patagônia os patagões, que significa “pés grandes”. Mas foi com emoção que viu o “Duncan” chegar ao Pacífico, via Atlântico, rememorando Fernão de Magalhães e sua “Trinidad”, pioneiros<sup>7</sup> no evento.

Perto do Porto de Talcahuano, Glenarvan deitou uma canoa e foi à terra, acompanhado por Paganel. Lá foram recebidos por indígenas, com quem o geógrafo tentou conversar em espanhol, não sendo compreendido.

— Falta-me a pronúncia... — justificou-se ele.

Ali descobriram que o cônsul habitava em Concepción, região distante uma hora. Conseguiram bons cavalos e partiram de imediato. O cônsul os recebeu atenciosamente e não poupou recursos para pesquisas sobre o naufrágio do “Britannia”, próximo ao paralelo trinta e sete. Mas nenhuma notícia havia que pudesse animá-los.

<sup>7</sup> Pioneiro: o primeiro que abre ou descobre caminho através de uma região mal conhecida; precursor.



Por essa razão, os homens voltavam desanimados, pensando na possibilidade de não terem decifrado corretamente a mensagem de Grant. Foi Paganel quem, após muita reflexão, emitiu a opinião de que talvez os naufragos não estivessem no litoral, mas aprisionados por indígenas no interior. A garrafa poderia ter sido lançada ao mar por um rio que aí desaguasse. Por que não? Assim, deveriam seguir o paralelo trinta e sete até o Atlântico.

Quando a ideia foi aceita por todos, no “Duncan”, Maria Grant murmurou:

— Como agradeceremos por se exporem a tantos perigos?

— Perigo é coisa que exista? — perguntou o geógrafo. — Vamos dar um passeio, numa distância equivalente à da Espanha à Grécia, em bom clima... Perigo? Ora!

A 14 de outubro, foi marcada a partida dos homens. Iriam Glenarvan, Paganel, Mac Nabs, Roberto Grant e alguns marinheiros. Despediram-se com muita emoção do pessoal que partiria no “Duncan”, por mar, até o ponto de encontro no Atlântico.

Glenarvan conseguira bons guias indígenas e partiu para a dura travessia das cordilheiras dos Andes. Como homem acostumado às viagens, ele adotou para si e para os demais trajes chilenos, como o poncho. Paganel ainda estudava espanhol, falando consigo próprio e não sendo compreendido por ninguém.

Pernoitaram<sup>8</sup> numa cabana encontrada em uma montanha, onde o frio era intenso. O barômetro<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Pernoitar: passar a noite.

<sup>9</sup> Barômetro: instrumento com o qual se mede a pressão atmosférica.

indicava que estavam numa elevação de onze mil e setecentos pés. Até atingir os pampas argentinos, passaram por duras provações, desde a alimentação, que era composta por carne de guanaco<sup>10</sup> a tremores de terra. O garoto Roberto desaparecera em meio ao cataclismo<sup>11</sup>, o que deixou a todos em estado de desespero.



Porém, logo mais avistaram um condor<sup>12</sup> que mantinha em suas garras o corpo do filho do Capitão Grant. A ave voava a menos de cem metros, quando foi atingida por um tiro, que não partiu da expedição de Glenarvan. Ferida, ela pousou no solo, lentamente, trazendo consigo o menino Roberto vivo! Reanimado com água fresca, ele abraçou Glenarvan, que chorava emocionado pelo milagre de sua salvação.

Depois de abraçarem Roberto, felizes, Glenarvan e seus amigos procuraram o homem que matara o condor e encontraram um patagão próximo a eles. O lorde agradeceu-lhe na linguagem universal, traduzida em cumprimentos das mãos, sinais do rosto e dos olhos. O patagão, porém, tentou conversar com o grupo em sua própria língua; não tendo sucesso, falou em espanhol com Paganel. Foi neste diálogo que se pôde descobrir que Paganel não aprendera espanhol coisa nenhuma! Por outra distração sua, estudara a língua portuguesa e a falava, pensando que fosse espanhol...

— Chegar ao Chile, quando ia para as Índias... Estudar português para falar espanhol. Qualquer dia desses, em vez de jogar um charuto pela janela, vou me atirar em lugar dele... — riu Paganel de si mesmo.

<sup>10</sup> Guanaco: espécie de lhama.

<sup>11</sup> Cataclismo: desastre; terremoto.

<sup>12</sup> Condor: grande ave de rapina da Cordilheira dos Andes; espécie de abutre.



O acaso os ligava ao indígena, que providencialmente era um guia dos pampas. Assim, Thalcave — que na língua araucânia<sup>13</sup> significa “Trovejante” — incorporou-se à expedição que buscava encontrar o Capitão Grant.

A 22 de outubro, o grupo atingiu o solo argentino. Iam do ocidente ao oriente e bastava um declive suave para chegarem ao mar. Paganel não perdia uma só palavra do patagão para aprender espanhol e começava já a dar sinais de progresso no idioma de Castela.

Quando chegaram à estrada de Carmen, o indígena estranhou que eles quisessem permanecer na rota a caminho do Sol, desprezando as estradas. Foi quando o geógrafo tentou explicar ao patagão, numa linguagem mitológica<sup>14</sup> sobre o naufrágio do Capitão Grant, já que uma linguagem sobre latitude e longitude de nada serviria. Ao terminar a explicação, Mac Nabs sorria ironicamente e imaginava como Thalcave nada teria compreendido do péssimo espanhol de Paganel. Contudo, assombrados, receberam a pergunta de Thalcave, traduzida pelo geógrafo como:

— Foi seu deus quem confiou os segredos dos prisioneiros a vocês?

— Sim — respondeu o geógrafo, não tendo melhores meios para explicar, apesar de, bem no fundo, acreditar que não mentia.

— Então, faremos a vontade dele. Marcharemos até o Sol, se for preciso.

Na conversa que tiveram depois, Thalcave disse saber de estrangeiros que foram feitos prisioneiros de

<sup>13</sup> Araucânia: o mesmo que araucano, língua dos antigos habitantes do Chile.

<sup>14</sup> Linguagem mitológica: Linguagem que se utiliza de sinais.

uma tribo localizada entre os rios Negro e Colorado, naquela mesma direção.



A expedição redobrou a animação, julgando tratar-se de Harry Grant, e continuou a caminhada. Passaram-se alguns dias e algumas noites, sem que ocorresse qualquer fato digno de nota. Thalcave, como guia, orientava-os na caminhada, arranjando lugares para dormirem e alimentos. Um dia, uma tribo de índios chamados “gaúchos” aproximou-se da expedição, mas fugiu rapidamente. Eram inofensivos e acreditavam que a expedição fosse composta por ladrões.

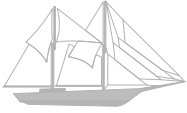
Num certo momento, a caravana achou mais prudente dividir-se em dois grupos. Thalcave, Glenarvan e Roberto seguiriam à frente e Paganel e os demais, atrás.

— Não vá sua distração nos levar de volta ao Pacífico, amigo Paganel! — ria o major, seguindo o geógrafo com o segundo grupo.

Os três caçaram e se alimentaram durante o dia, pelo caminho. À noite, dormiram num casebre de madeira abandonado, em pleno campo, e, não fosse o instinto do patagão, que pressentiu a chegada dos “aguaras”, ou lobos vermelhos, os três teriam sido devorados.

Deram combate, enquanto tinham munição. Desesperados, ao fim da pólvora, perceberam que os lobos afastavam-se, mas não em definitivo. Foi quando Thalcave resolveu sacrificar-se por eles, selando o seu belo cavalo Thaouka.

Glenarvan e Roberto pediram a ele que não fizesse aquilo. Queriam acompanhá-lo, mas o índio foi



irredutível<sup>15</sup>. Achava que seria uma manobra para afastar os lobos da casa e salvar os europeus. Não temia, pois sentia-se seguro em seu cavalo, o que não podia afirmar em relação aos cavalos de Roberto e Glenarvan. Enquanto gesticulavam para se entender, Roberto agarrou-se a Thaouka e sumiu na escuridão, tomando para si a concretização do plano de Thalcave.

Com efeito, os lobos puseram-se a correr atrás de Thaouka, conduzido por Roberto Grant. Glenarvan, desesperado, pensou em sair atrás do garoto, a fim de protegê-lo, no que foi impedido pelo índio.

— Thaouka, bom cavalo! Menino salva. Valente!

Pela manhã, os dois saíram à procura de qualquer vestígio que os levasse a Roberto. Glenarvan temia encontrar seu cadáver ensanguentado, mas logo pôde ouvir tiros que indicavam a proximidade do grupo conduzido por Paganel. E, de fato, eram eles! E Roberto estava com o grupo, salvo e vivo.

O reencontro foi cheio de abraços e agradecimentos a Deus. Quando Glenarvan repreendeu-o<sup>16</sup> pela atitude da noite anterior, o menino respondeu nobremente:

— Thalcave salvou-me a vida. O senhor vai salvar a vida de meu pai. Por que eu não iria fazer o mesmo por vocês?

No início de novembro, a caravana chegou à fronteira da província de Buenos Aires com os territórios indígenas, onde julgavam encontrar o Capitão Grant. Lá, Thalcave os levou à presença de um sargento francês, chamado Spharaguerre. Paganel e ele

<sup>15</sup> Irredutível: resolutivo; que não muda de idéia.

<sup>16</sup> Repreender: censurar; reprovar atitude ou comportamento.

desataram<sup>17</sup> a falar na língua materna e se esqueceram de que os outros nada compreendiam.



Através de Spharaguerre, Paganel pôde informar aos amigos que os índios não foram encontrados nos pampas, em razão de estarem na região norte, devido a uma guerra civil entre a Argentina e o Paraguai, na qual também mais tarde entraria o Brasil. Aquilo destruía as expectativas de Glenarvan! Se os índios estivessem nas regiões setentrionais do país, como iriam localizar Grant?

Foi através do sargento francês, que comandava aquele forte com autorização do governo argentino, que uma dúvida foi esclarecida: realmente os “poyuchos” tinham consigo prisioneiros europeus, há sete anos, mais ou menos: um era italiano, o outro francês!

Foi assim que a caravana de Glenarvan descobriu estar em pista falsa, cujo rumo não a levaria ao Capitão Grant! Desanimados, eles se puseram a caminho da rota que os levaria ao “Duncan”, na costa do Atlântico, onde não faltaram aventuras como as enchentes nas regiões chamadas “charcos”. Chegaram a se hospedar no alto de uma árvore, conhecida como ombu<sup>18</sup>, e passaram lá um dia e uma noite, já que podiam viver como pássaros mas não como peixes.

— Pobre Maria! — pensava Roberto na decepção que a irmã sentiria ao ver a caravana retornar sem trazer o Capitão Grant.

Glenarvan renovou sua intenção de dedicar toda sua vida para encontrar o Capitão Grant, nem que pre-

<sup>17</sup> Desatar: começar de repente.

<sup>18</sup> Ombu: árvore colossal da América do Sul, também conhecida como imbu ou umbu.



cisasse buscar o mundo inteiro. A Escócia certamente se uniria a ele para encontrar aquele grande patriota! Naquele momento, em que todos refletiam em silêncio, Paganel descrevia por onde passava o paralelo trinta e sete: oceano Atlântico, ilhas de Tristão da Cunha, mar das Índias, Austrália... Nesse momento, o geógrafo desabou do galho onde se encontrava e escapou de morrer afogado pela força do major Mac Nabs, que o agarrou antes que caísse nas águas.

Passado o susto e depois de agradecer, ele explicou que havia encontrado uma segunda decifração para a mensagem de Grant. O termo “austral” deveria se referir à Austrália!

À noite, após uma ceia improvisada, os “pássaros”, mais animados com a nova perspectiva<sup>19</sup> de encontrarem o Capitão Grant, puseram-se a ouvir o sábio Paganel, quando este falava sobre o conforto e o luxo.

— Vou contar a vocês a história árabe de um príncipe, filho do grande Haroun al Raschid, que não era feliz. Foi consultar um adivinho, que lhe respondeu que a felicidade era a coisa mais difícil de se encontrar no mundo. Mas que havia um meio: bastava vestir a camisa de um homem feliz. O príncipe pôs-se a caminhar e rodou o mundo em busca do talismã. Vestiu camisas de reis, imperadores e de grandes senhores. Em vão! Procurou camisas de artistas, guerreiros e mercadores. Novamente em vão! Voltou desesperado e, no palácio de seu pai, viu ao longe no campo um lavrador, alegre a cantar. Foi até o homem e perguntou:

<sup>19</sup> Perspectiva: probabilidade.

— Você é feliz? — Sim, respondeu o outro. — Não deseja nada que não tenha? — Não, disse o outro. — Não troca sua vida pela de um rei? — Nunca, tornou o lavrador. — Então, venda-me sua camisa! — Camisa? Não a tenho...



Todos aplaudiram a história contada por Paganel, mas se ficaram felizes em dormir na árvore, em vez de em um palácio, nunca ninguém veio a descobrir.

Uma tempestade, cheia de relâmpagos, fez cair a árvore, que funcionou para eles como um barco até que encalharam em terra firme. Em 12 de novembro, eles chegaram à praia, onde podiam ver o “Duncan”, que os aguardava.

Despediram-se de Thalcave, que recusou qualquer pagamento. Fizera seu trabalho de guia por amizade.

Glenarvan deu a ele um medalhão, onde havia uma pintura de lady Helena, o que o índio aceitou com muito respeito.

— Não nos veremos nunca mais? — perguntou Paganel, emocionado.

— Quién sabe? — respondeu o patagão, apontando o céu.

Do bote que os levava ao “Duncan”, os amigos acenavam a Thalcave, cuja enorme figura, lentamente, desaparecia pela distância. Em poucos minutos, a caravana era recebida no “Duncan” com calor e abraços.

Para não entristecer Maria pela ausência do pai, lorde Glenarvan foi logo dizendo:



— Confiança, amigos. O Capitão Grant não está conosco, ainda, mas haveremos de encontrá-lo...

Passados os cumprimentos, Glenarvan falou sobre a nova interpretação da mensagem do Capitão Grant, feita pela sagacidade<sup>20</sup> de Paganel. Depois, o cavalheiro falou sobre a coragem do menino Roberto, durante toda a missão na América do Sul. O garoto corava a cada elogio que recebia e se refugiava nos braços da irmã, que o afagava com carinho maternal.

Durante o almoço, os homens contaram sobre as aventuras e os perigos a que se expuseram; emocionados, lembraram a amizade de Thalcave e puderam rir muito do episódio de Paganel ter treinado “língua espanhola”, através de “Os Lusíadas”, do imortal Camões!

Edward Glenarvan percebeu um certo flerte<sup>21</sup> entre o jovem capitão Mangles e Maria, a filha do Capitão Grant. Sobre isso, questionou lady Helena com o olhar, silenciosamente, recebendo dela resposta afirmativa, na mesma linguagem. Ao final da refeição, Glenarvan determinou que o “Duncan” navegasse de imediato para a Austrália, fazendo a primeira escala na ilha Tristão da Cunha. Os filhos do Capitão Grant não encontravam palavras para agradecer ao nobre casal.

Em dez dias, sob condições favoráveis, o capitão Mangles chegou à ilha Tristão da Cunha. O ambiente do iate era o melhor possível, já que haviam renascido as esperanças de encontrar Harry Grant.

Paganel passava a maior parte do tempo trancado em seu camarote, escrevendo suas memórias sobre os pampas americanos. Mac Nabs ria dele:

<sup>20</sup> **Sagacidade:**  
perspicácia; astúcia.

<sup>21</sup> **Flerte:** namoro  
ligeiro sem  
compromisso  
nem consequência.

— Não estará aprendendo australiano pela gramática chinesa?



Em Tristão da Cunha, por desencargo de consciência, Glenarvan procurou o governador para saber sobre o naufrágio do “Britannia”, que era completamente desconhecido naquelas regiões, como eles já pressentiam.

Dali, o “Duncan” partiu rigorosamente no paralelo trinta e sete e fez sua segunda escala na Ilha Amsterdan, em seu caminho para a Austrália. Paganel narra os acontecimentos históricos que acompanharam a descoberta do Cabo da Boa Esperança, efetuada por Bartolomeu Dias em 1486, e ressaltava sua importância para que Colombo chegasse à América!

Na cidade do Cabo, o “Duncan” parou o tempo necessário apenas para renovar o combustível e continuou a viagem. Paganel discursava sobre o mar que, em excelentes condições, aliadas a ventos favoráveis, fazia daquela viagem um verdadeiro prazer.

— O sábio Maury tinha razão ao dizer que, graças ao mar, todos os pontos do mundo se tornam parentes...

Nas ilhas Amsterdan e São Paulo, os passageiros do “Duncan” tornaram a investigar junto às autoridades locais sobre o “Britannia” e mais uma vez nenhuma informação obtiveram.

A 7 de dezembro, partiam rumo à Austrália e esperavam atingi-la em doze dias. A esperança animava a todos e a conversa entre os passageiros e tripulantes corria otimista e feliz.



Paganel aproveitava a ocasião para falar sobre o território australiano: sua extensão, sua gente, suas atividades e os trabalhos de reconhecimento dos geógrafos. Como o major Mac Nabs não acreditasse em sua narrativa, quando o geógrafo mencionou que, entre 1806 e 1862, cinquenta homens haviam percorrido o território australiano, para reconhecimento, Paganel desafiou o major:

— Se continuar a duvidar de mim, darei nome por nome dos cinquenta geógrafos... — a frase recebeu boas risadas por parte de todos.

Mas Paganel não brincava e, apelando à deusa da memória, Mnemósine, narrou as aventuras dos geógrafos na Austrália, citando-os nominalmente, um por um, para espanto geral.

Mac Nabs deu-se por vencido, encolhendo os ombros, mas não se calou e provocou a ira de Paganel, contando uma anedota conhecida no Reino Unido de que o célebre capitão Baudin, francês, teria fugido da Austrália, com medo do coaxar das rãs.

— Este absurdo é contado no Reino Unido com seriedade?

— Sim — respondeu Glenarvan, no meio da gargalhada, que mais indignava ao sábio.

— Protesto! — resmungava enojado. — Protesto! Os ingleses não têm respeito pelos franceses!

Dois dias depois dessa conversa, o capitão Mangles previa tempestades pelo oceano Índico e já começava a tomar as providências necessárias para

que o “Duncan” se saísse bem em sua primeira briga com a natureza.



Pela madrugada, a tormenta desabou. As ondas sacudiam o iate, que se defendia maravilhosamente bem, tendo sob seu comando o jovem mas experiente Mangles. Houve um pequeno incidente, quando a hélice se partiu, mas John recorreu às velas e procurou no vento inimigo um aliado para sair daquela situação. E foi bem-sucedido, porque o “Duncan” era dotado de alta qualidade náutica e manobrou como um cavalo rápido, resistindo às ondas invasoras.

Mesmo assim eles tinham se desviado um pouco de sua rota e estavam a 35 graus de latitude, segundo as observações do capitão. Glenarvan e Mangles decidiram de comum acordo que o iate seguiria a vela o contorno das costas australianas, à procura dos vestígios<sup>22</sup> do “Britannia”. Chegando a Melbourne, suas avarias<sup>23</sup> poderiam ser reparadas.

As praias australianas pareceram a eles tão mudas quanto a Patagônia. Mas eles não perdiam as esperanças nem reduziam a ansiedade. A ideia de Paganet, levada a efeito nos pampas, na Austrália não encontrava eco. Ou seja, os rios eram escassos e, se o “Britannia” houvesse se destroçado na costa australiana, a mensagem fora arremessada diretamente ao mar e não a algum rio, no interior.

O iate aportou numa espécie de cinta de recifes e bancos de corais, por onde os passageiros puderam facilmente alcançar uma praia completamente deserta.

<sup>22</sup> Vestígios: rastros; indícios; restos; sinais de coisa que sucedeu.

<sup>23</sup> Avarias: estragos; perda; prejuízo.



Subiram ao alto de uma penedia<sup>24</sup> e avistaram um moinho não muito longe dali. Caminharam durante meia hora, naquela direção, e puderam ir sentindo uma diferença básica na paisagem, que passava de árida e selvagem a campos cultivados por mãos humanas.

O grupo de Glenarvan foi calorosamente recebido por um irlandês chamado Paddy O'Moore, naturalizado australiano. O homem apresentou sua família e ofereceu sua residência para abrigo dos escoceses. Todos cearam boa refeição e puderam agradecer a gentil hospitalidade.

Durante o jantar, Paddy O'Moore contou sua história, que é a de todos os imigrantes que a miséria faz abandonar a pátria. Emocionados, conversaram sobre o Canal do Norte, que é o limite entre a Escócia e a Irlanda, portanto ponto de união nas lembranças dos donos da casa e dos hóspedes.

Foi Glenarvan quem indagou ao irlandês sobre o naufrágio do “Britannia” e da vida dos tripulantes. A resposta negativa entristecia a todos, quando entrou um empregado de O'Moore e disse:

— Louvemos o Senhor! Se o Capitão Grant estiver vivo, está na Austrália!

Todos se viraram, estupefatos, e se depararam com Ayrton, que se identificou:

— Eu sou um dos sobreviventes do “Britannia”!

O homem aparentava uns quarenta e cinco anos e tinha uma fisionomia rígida, enérgica, de onde se podia vislumbrar um pouco da tragédia que vivera. Ayrton

<sup>24</sup> Penedia: série ou reunião de rochedos.

contou a todos que acreditava até ali ter sido o único sobrevivente do naufrágio e, agora, nutria, como os outros, esperanças de encontrar Harry Grant! Acrescentou que a catástrofe se dera a 37 graus de latitude, na costa oriental, na noite de 27 de junho de 1862.

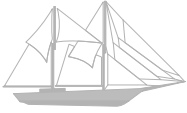


Todos se deixavam levar pelas palavras de Ayrton, ingenuamente, exceto Mac Nabs e Mangles, que pareciam desconfiar de alguma coisa. O sobrevivente narrou sobre o terrível acidente, que despedaçou o “Britannia”, e como foi tragado pelas águas. Sem sentidos, despertou no dia seguinte, em poder dos índigenas do norte, que o levaram ao interior e com quem permaneceu dois anos na mais penosa escravidão. Conseguiu fugir e vagou pelas florestas, atravessando rios e pântanos, comendo ervas e animais selvagens, até encontrar as terras benditas de Paddy O’Moore havia dois meses, onde passou a viver feliz, como empregado do irlandês.

— Ayrton é um homem trabalhador, inteligente e dedicado — dizia Paddy O’Moore. — Esta será sua casa até sua morte, se ele desejar.

O empregado agradeceu a seu patrão com um gesto de reverência. O que intrigava o major era a exatidão com que Ayrton narrava os acontecimentos. Sabe-se que a mentira, muitas vezes, utiliza-se desse artifício...

Como Glenarvan pedisse a Ayrton um conselho sobre como proceder naquela ocasião, o antigo marinho do “Britannia” opinou que o grupo deveria partir para a local exato do naufrágio e de lá traçar um plano para investigar as regiões vizinhas.



Como o lorde explicasse que não poderia ir no “Duncan”, que sofrera avarias em sua hélice — o que pareceu interessar a Ayrton, de forma estranha —, Paganel sugeriu que partissem por terra ao ponto indicado pelo empregado de O’Moore.

Prontamente, a ideia foi aceita por todos e ficou combinado que o “Duncan” iria a vela até Melburne, para reparos, e lá esperaria pelo regresso da expedição, sem dúvida, desta vez vitoriosa.

— E será possível esta viagem por terra? — perguntou Mac Nabs.

— Tão possível — respondeu Paganel — que convido as duas senhoras para nos acompanharem, pois não há perigos. Em um mês, chegaremos ao nosso destino...

A partida da caravana se deu a 22 de dezembro, tendo Ayrton por guia. Mangles acompanhou a expedição, passando o comando do iate ao imediato Tom Austin.

— É bom que esteja junto conosco quando encontrarmos seu sogro — brincou Glenarvan, o que deixou Mangles corado.

Foi Ayrton quem aconselhou as senhoras a viajarem num carro puxado por bois e os homens a cavalo. Mangles ajudou o carpinteiro na construção do carro, para dar às senhoras maior conforto durante a penosa viagem.

Sete cavalos vigorosos foram destinados a lorde Glenarvan, Paganel, Roberto Grant, Mac Nabs, John Man-

gles e aos dois marinheiros, Wilson e Mulrady. Ayrton ia no assento dianteiro do carro, guiando a caravana.



Nas conversas que mantinham, Ayrton perguntava muito sobre a qualidade do “Duncan”.

— Então nenhum navio de guerra pode caçá-lo?

— Nenhum, mesmo se conduzido a vela — respondia o capitão, orgulhoso.

À parte, Paganel elogiava Ayrton, considerando-o bastante inteligente.

— Demais para o meu gosto — comentou o major, desconfiado.

Quando se aproximavam da colônia de Vitória, lady Helena perguntou ao geógrafo se aquela região havia sido descoberta recentemente.

— Sim, há trinta anos — informou Paganel. — Numa terça-feira, dia 6 de junho...

— Às sete horas e quinze — gozou o major a exatidão do geógrafo.

— Não. Às sete e dez — corrigiu Paganel, seriamente.

Como o geógrafo insistisse em dar números exatos que se referiam às estatísticas do progresso da região, o major voltou à carga:

— Quantos porcos há nesta região?

— Setenta e nove mil, seiscentos e vinte e cinco — respondeu Paganel, no mesmo tom irônico, o que fez todos rirem, descontraidamente.



Depois, o geógrafo passou a falar sobre o clima “moralizador” da Austrália. O oxigênio da região não oxidava os metais nem os homens. Ali, o ar puro e seco branqueava rapidamente as roupas e as almas.

— E o senhor, que já é tão bom, o que se tornará?  
— perguntou lady Helena, brincando.

— Sem dúvida, me tornarei excelente, senhora  
— respondeu ele.

A viagem continuava sob ótimas condições. No dia 25 de dezembro, o cozinheiro da tripulação preparou uma deliciosa ceia de Natal e todos puderam comemorar o nascimento de Cristo, sem queixas ou desconfortos.

Um pequeno incidente veio atrasar a caravana, quando o carro puxado a bois exigiu reparos. Ayrton informou ao lorde que deveria ir até a estação mais próxima, Black Point, buscar um ferrador para o conserto e que, em quinze horas, aproximadamente, retornaria. Enquanto isso, o grupo acampou à beira do Wimerra.

Mac Nabs vira Ayrton afastar-se, não sem grande apreensão, mas se contentou em vigiar as proximidades do rio, nada revelando sobre sua preocupação.

No dia seguinte, Ayrton retornou acompanhado de um homem que se dizia ferrador. Era um homem de má aparência, que não inspirava confiança, mas realizou o trabalho a contento e, logo, a caravana pôs-se a caminho novamente.

Na noite de 29 de dezembro, os viajantes montaram acampamento em Carlsbrook e lá pernoitaram. Na manhã seguinte, prosseguiram viagem e, como de hábito, Mac Nabs e Paganel discutiam.



— Vocês, ingleses, com suas estradas de ferro! — desdenhava o francês. — Lá se vai toda a poesia do deserto!

— Que importa, se o progresso penetra nele? — respondia o major, prático.

Quando a caravana se aproximou de Camden-Bridge, ponte lançada sobre o rio Lutton, eles puderam saber de um grave acidente lá ocorrido na noite anterior. Um trem, com seis vagões, caíra no leito do rio e, pelos estudos dos peritos, tudo indicava tratar-se de sabotagem, ou seja, ação criminosa.

O fato inquietou lorde Glenarvan, já que a polícia estava no encalço de cinco ou seis bandidos que estariam pela região, depois de terem saqueado o último vagão, único salvo na tragédia.

Alguns dias se passaram sem novos incidentes e os viajantes quase se esqueceram do fato de que havia criminosos soltos por aquelas regiões. A viagem continuava bem e, sem problemas, eles iam atravessando a Austrália.

Digno de registro foi o encontro que o grupo teve com um indígena chamado Toliné, que logo travou conversa com eles num inglês fluente, mas carregado na pronúncia. Durante a refeição, o garoto foi convidado a acompanhá-los e, para emoção de Paganel, disse ser um excelente aluno de Geografia na escola



dirigida por missionários ingleses. O geógrafo resolveu interrogá-lo e, para espanto geral, só havia aprendido as regiões do globo que pertenciam aos ingleses! O sábio ficou indignado, mas o garoto não compreendeu sua cólera.

A caravana prosseguiu, e a 2 de janeiro passou os limites entre Talbot e Dalhousie. No hotel em que pernoveram, Mac Nabs pôde ler no jornal local a notícia sobre o assalto criminoso ao trem. Após o inquérito, foi descoberto que o bando era chefiado por Ben Joyce, um perigoso detento que fugira de um presídio fazia seis meses!

Este episódio, no entanto, ficou reservado aos homens, que prometeram entre si escondê-lo das mulheres. Naquela noite, Ayrton deu pela primeira vez uma opinião, que parecia excêntrica: sob um pretexto pouco lógico, pedia a lorde Glenarvan que enviasse um emissário a Melburne com ordem para Tom Austin aproximar o “Duncan” da costa. Ainda que não apoiado pelos demais, Ayrton voltou a essa ideia várias vezes, sem justificá-la com boas razões.

A partir de 12 de janeiro, começaram a surgir outros problemas, aparentemente inexplicáveis. Os animais começaram a morrer, um a um, sem motivo aparente. Numa noite, em que o boi morreu, a carroça atolou e eles se viram obrigados a dormir no próprio local. Insone, o major Mac Nabs saiu silencioso e foi dar uma volta no bosque. Como ouviu ruídos de conversas abafadas, estranhou e se escondeu entre os arbustos para poder melhor observar os vultos, sem ser visto.

No dia seguinte, Mac Nabs parecia pensativo e nervoso. Os homens discutiam a melhor forma para atingir Melbourne, já que só dispunham de um boi e de um cavalo. Ficou acertado que um mensageiro iria com ordem de Glenarvan até o “Duncan” solicitar de Austin providências para auxílio à caravana. Naturalmente, a ideia era de Ayrton e, como ele argumentava conhecer melhor a região, desejava para si o papel de mensageiro. Estranhamente para todos, até Mac Nabs estava de acordo com ele! Quando Glenarvan se pôs a escrever a ordem para Austin, apresentando Ayrton, o major perguntou:



— Como se escreve seu nome, Ayrton?

Todos se entreolharam sem compreender, e o major continuou:

— Pronuncia-se Ayrton, mas se escreve Ben Joyce...

No mesmo momento, o ex-detento sacou sua arma e atirou, fugindo. Chegou a acertar de raspão o braço de Glenarvan e desapareceu na mata. O major explicou como descobrira a identidade do criminoso: desde o início, desconfiara dele por instinto; depois estranhou um olhar significativo entre ele e o ferrador de Black Point; mais tarde, vieram as insistências com relação ao “Duncan”, a morte inexplicável dos animais e o encontro noturno, que presenciara, por acaso, na noite anterior.

— Então, Ayrton nos trouxe até aqui para nos roubar e nos assassinar? — perguntou Glenarvan.

— Sim — respondeu o major, convencido.



Os homens se puseram a pensar e a deduzir o que significava tudo aquilo: Ben Joyce realmente havia trabalhado no “Britannia”, a serviço de Harry Grant, e na Austrália chefiava um bando de criminosos! Ele os conduziu a um local falso e, provavelmente, o Capitão Grant nunca pusera os pés na Austrália!

Entristecidos pelo fracasso da expedição, os homens retomaram os planos para tentar salvar o “Duncan”, antes que fosse sequestrado pelos criminosos. Como só havia um cavalo, fizeram um sorteio para que um emissário fosse até Austin. O escolhido foi Mulrady, que partiu imediatamente na manhã seguinte, bem cedo. Ele levava consigo uma carta de Glenarvan ditada a Paganel na noite anterior. O sábio estava estranho e repetia uma palavra que ninguém entendia:

— Aland... Aland... Zealand!

Na verdade, ele não largava a mensagem do Capitão Grant e procurava nela uma terceira interpretação, mas não se encorajava a propor mais aventuras ao grupo, tal o desânimo que se apoderara deles.

Pobre Mulrady! Voltou ensanguentado e mal podia contar o que ocorrera. As mulheres trataram suas feridas, de forma que no dia seguinte ele pôde relatar seu encontro com o bando de Ben Joyce, que o espreitara não muito longe dali. Perdera o cavalo e apanhara muito, mas conseguiu atirar em dois homens de Ben Joyce, um dos quais o ferrador de Black Point... A carta de Glenarvan, contudo, não estava mais em seu bolso, o que comprovava que a intenção de Ben Joyce era se apoderar do “Duncan”.

— Piratas! Meu honrado “Duncan” nas mãos dos bandidos... — suspirou o lorde.



A seu pedido, Mangles construiu uma canoa à australiana, que não resistiu à viagem de experiência. No dia 21 de janeiro, eles retomaram o empreendimento, com mais ânimo, e construíram uma jangada de grandes proporções e se lançaram no Snowy para chegarem a tempo ao “Duncan”, antes dos bandidos.

Mas qual! Assim que chegaram à cidade de Eden, após uma viagem terrível e perigosa, na jangada rústica e desconfortável, tomaram conhecimento de que o “Duncan” partira no dia 18 de janeiro, com rumo ignorado.

Uma tremenda prostração<sup>25</sup> se abateu sobre o valente e bondoso Glenarvan, que se via impedido de prosseguir em sua missão generosa pela perversidade humana.

Na baía de Twofold, os viajantes procuravam fretar um navio para voltar à Europa, quando descobriram que naquele porto eram raros e poderiam demorar alguns meses. Foi então que Paganel tomou coragem e aconselhou lorde Glenarvan a que partissem dali para Auckland, na Nova Zelândia, porque lá os navios regulares seguiam ao Velho Mundo em maior número.

A proposta foi aceita, sem que ninguém soubesse o que se ocultava por trás dela. A verdade é que Auckland estava precisamente na linha do paralelo trinta e sete e Paganel não queria conduzi-los a uma terceira tentativa falsa. Por isso, continuou guardando para si suas próprias expectativas.

<sup>25</sup> Prostração: entristecimento; abatimento (de ânimo).



O grupo de lorde Glenarvan embarcou num brigue<sup>26</sup> chamado “Macquarie”, comandado pelo capitão Will Halley, rumo a Auckland. Antes, porém, lorde Glenarvan havia procurado um oficial de justiça para fazer a ocorrência dos fatos e o sequestro de seu iate.

Maria Grant esquecia suas próprias dores e procurava consolar lady Helena pela perda do “Duncan” e pela suposta morte de toda a tripulação. John Mangles deu-lhe esperanças de que um dia, ele mesmo viria novamente àquelas regiões procurar pelo capitão Grant, o que deixou a moça comovida.

A 31 de janeiro, Paganel, Mac Nabs e Mangles conversavam sobre a inabilidade do capitão Halley, que passava o tempo bebendo e parecia pouco entender de navegação. Os passageiros aguentaram como puderam aquela péssima travessia até 6 de fevereiro, quando ainda não haviam avistado terras de Auckland. Devido a fortes tempestades, estavam inquietos e resolveram assumir o comando do “Macquarie”, mas já era tarde demais! O brigue encalhou num cinto de recifes e a noite era densa por causa das chuvas, de forma que não viam nada.

Foi preciso esperar pelo amanhecer para decidirem o que poderiam vir a fazer. Pela manhã, o tempo era bom e puderam avistar um torrão<sup>27</sup> de terra próximo, o que os encheu de felicidade. Porém, ao procurarem pelo salva-vidas, nada encontraram e puderam entender o sumiço da tripulação: os covardes haviam abandonado o brigue, durante a madrugada, deixando-os sem salvamento.

<sup>26</sup> Brigue: antigo navio a vela.

<sup>27</sup> Torrão: pedaço.

John Mangles ainda tentou reparar o “Macquarie”, mas foi em vão. Era perigoso aguardar socorro a bordo, pois o brigue poderia ser destroçado em mil pedaços, nos recifes, pela fúria das ondas do mar. Assim, decidiu-se pela construção de uma jangada que os levaria àquela costa próxima, utilizando o próprio material do “Macquarie”.



Paganel ainda pôde precavê-los sobre os selvagens zelandeses, que odiavam os invasores ingleses, mas não havia outro meio de aquela embarcação rústica chegar a Auckland, senão próxima à costa. E, assim, em poucas horas eles atingiram o temido solo, habitado por perigosos nativos canibais.

Devido à chuva, eles foram obrigados a permanecer mais de uma hora naquelas terras, o que Glenarvan não desejava. Nos dias seguintes, utilizaram-se da jangada para atingir Auckland, próximos à costa, onde pernoitaram. Numa manhã, os viajantes foram surpreendidos pelos índios maoris<sup>28</sup> e levados como prisioneiros à presença do chefe Kai-Kumu.

Glenarvan suportava, impassível, aquelas provocações. Sabia que deveria ser o exemplo para seu grupo e que, se algum tipo de suplício sofressem, fosse ele o primeiro. Ao indagar o chefe sobre a situação de todos, ouviu:

— Vou propor uma troca. Liberto vocês, se os ingleses libertarem maoris presos. Se se recusarem, mato vocês... — falou ele num inglês razoável.

A princípio, todos suportaram bem as angústias que lhes iam na alma, inclusive as mulheres, que

<sup>28</sup> Maoris: indígenas da Nova Zelândia, da raça da Polinésia.



davam a impressão de muita força interior e resignação<sup>29</sup>. Mas, com o passar dos dias, vendo coisas bárbaras e costumes primitivos, todos foram se calando. Houve um momento em que lady Helena pediu ao esposo que, caso ela caísse nas mãos dos canibais, que ele a matasse por piedade.

Quando um selvagem interessou-se por ela, tomando-lhe as mãos, seu rosto perdeu as cores. Glenarvan foi rápido: sacou a arma e matou Kara-Tété. O barulho do tiro atraiu um enorme bando de indígenas sobre ele, impedidos de o trucidarem<sup>30</sup> pelo braço poderoso de Kai-Kumu, que via neles carga preciosa para a troca dos maoris presos.

Quando Glenarvan e os demais retornaram ao acampamento, verificaram que Roberto e Paganel haviam desaparecido! Que noite terrível passaram eles, conjecturando sobre a vida ou a morte dos amigos.

Apesar de triste, é preciso descrever a cena em que Maria Grant pediu a John Mangles o mesmo que Helena pedira ao marido:

— Se uma mulher pode morrer às mãos do marido para se livrar de uma existência vergonhosa, a esposa prometida também deve morrer às mãos do noivo para se livrar do mesmo destino... No mistério do coração, não sou há muito sua esposa prometida? Posso contar com você, como lady Helena conta com lorde Glenarvan?

<sup>29</sup> Resignação: submissão à vontade de Deus; paciência; conformidade.

<sup>30</sup> Trucidar: matar barbaramente; degolar.

O jovem capitão abraçou-a, murmurando seu nome e beijando-a na testa. Como seria belo o futuro, se eles pudessem alcançá-lo!

Pouco depois, os prisioneiros foram informados de que os maoris, pelos quais seriam trocados, haviam sido fuzilados pelas autoridades inglesas. Tudo se acabara para eles!



Por ordem do chefe Kai-Kumu, todos morreriam ao nascer do sol.

Naquela noite, após a ceia, os prisioneiros oraram e entoaram hinos de louvor a Deus. Qual é o homem que não pensa no Criador quando vê a morte diante de si? Assim, confiantes, entregaram suas vidas nas mãos de Deus.

Às quatro da madrugada, insones<sup>31</sup> e ansiosos, ouviram um ruído junto ao acampamento. Era o pequeno Roberto que aparecia, com intenção de ajudá-los a fugir. Aproveitava-se de que só havia quatro guardas vigiando-os, enquanto os demais dormiam.

Cautelosamente, o menino indicava aos amigos o caminho que seguira em sua fuga, durante o tumulto, no dia da morte de Kara-Tété. Os fugitivos procuraram caminhar rapidamente, aproveitando as sombras da madrugada. Quando os primeiros raios de sol banharam a terra, eles sabiam que deveriam estar longe, mas estavam certos de que haviam sido descobertos e que, portanto, a perseguição não demoraria. Não obstante, avançavam corajosamente.

O acaso os levou ao túmulo do chefe Kara-Tété e, ainda que indignados, eles lá entraram para se esconder. Lá estava o calmo Paganel, que lhes ofereceu almoço.

<sup>31</sup> Insones: que têm insônia; que não têm sono.



Como se tratava de um recinto<sup>32</sup> sagrado, os indígenas não se atreviam a profaná-lo. Podiam, pois, ficar tranquilos e traçar novos planos de fuga, enquanto recompunham as energias perdidas.

Na primeira tentativa em que Paganel e Glenarvan colocaram o pé fora da sepultura, uma chuva de balas feitas de papel impresso atingiu-os.

— Bravo — disse Paganel. — Sabem o que os animais usam no lugar da pólvora? Folhas da Bíblia... Pobres missionários, como lhes vai custar fundar uma biblioteca nestas paragens...

— E qual foi a passagem da Bíblia que nos atiraram? — perguntou Glenarvan.

— Salmo 90. “Porque esperou em mim, eu o livrarei” — leu Mangles, com voz velada<sup>33</sup> pela emoção.

Assim que foi possível, os homens se ergueram, e começaram a examinar a rocha e viram que sua origem era vulcânica e fumaças subiam do solo, comprovando que o vulcão não estava extinto.

No túmulo de Kara-Tété havia um verdadeiro arsenal, o que fez Paganel dizer:

— Estes maoris são ótimos! Que bela ideia esta de dar armas aos defuntos!

Observaram que os vapores continuavam a subir em grande intensidade. Aquilo serviu para que Paganel traçasse seu bom plano de fuga:

— Temos aqui uma provisão de vapores de fogos subterrâneos que pedem passagem. Façamos uma erupção<sup>34</sup> artificial que bastará para que os sel-

<sup>32</sup> Recinto: espaço murado.

<sup>33</sup> Voz velada: voz embargada; coberta.

<sup>34</sup> Erupção: saída violenta pela cratera de um vulcão de fumaças, cinzas, matérias inflamáveis e lavas.

vagens acreditem que morremos por ação de seus deuses encolerizados pela profanação<sup>35</sup> da sepultura de Kara-Tété...



Todos concordavam com Paganel, mas e se os maoris subissem para se certificar da morte deles?

— Não ousarão fazê-lo. A superstição os impede de entrar aqui...

Naquela noite, o projeto de Paganel se materializou. Mac Nabs, que era normalmente refratário<sup>36</sup> às ideias do geógrafo, apoiava-o sem reservas.

— Os missionários que nos perdoem... A conversão desses patifes há de retardar-se um bom século, quando virem o milagre de seus deuses sobre nós!

À noite, uma tempestade foi saudada por Paganel, já que facilitaria seus planos. Com exceção das mulheres, os viajantes puseram-se a abrir uma cratera na rocha. Pouco depois, o cone tremia e labaredas de fogo subiam, num barulho característico das explosões vulcânicas. O grupo de Glenarvan procurou ocultar-se para não ser atingido, enquanto lá embaixo os maoris gritavam.

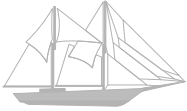
Pela manhã, ainda corria a lava incandescente pela montanha e, lá de cima do cume, os europeus puderam ver os indígenas que se retiravam em filas.

— Partem! Deus seja louvado! — falou o lorde.

À noite, eles fugiram sem perseguições, já que os maoris os julgavam mortos. O geógrafo havia conservado cuidadosamente um mapa e, assim, após muito andarem pela madrugada, atingiram a costa.

<sup>35</sup> Profanação: sacrilégio.

<sup>36</sup> Refratário: que resiste a certas influências.



Lá encontraram uma jangada indígena e não hesitaram em sequestrá-la, embarcando no ato.

A tribo, que se pôs a persegui-los em outra jangada, era formada por “kaoris”, mas, graças aos bons remadores de Glenarvan, não os alcançava. Naqueles minutos incertos de tensão, o lorde fazia observações através do binóculo e empalideceu ao ver um navio próximo.

— É o “Duncan”... O nosso “Duncan”, comandado por Ayrton, vem a nós...

— A morte pelos dois lados! — gritou Mangles. — Qual a opção? — Quando pensava em abrir um rombo na jangada, a machado, para que todos morressem afogados, John ouviu o grito de Roberto, que o deteve:

— Tom Austin! Vejo Tom Austin a bordo...

Em poucos minutos, sem nem saberem como, lorde Glenarvan e seu grupo estavam a salvo no “Duncan”!

Depois de grande emoção e tumulto, Tom Austin contou a Glenarvan sobre como as coisas ocorreram. Ele fora procurado por um homem chamado Ayrton, que lhe apresentou uma carta assinada pelo lorde, em que Austin era instruído a cruzar a costa oriental da Nova Zelândia.

Todos estranharam aquelas palavras, pois jamais Glenarvan iria saber que seu destino era a Nova Zelândia! Austin foi até seu camarote buscar a carta que recebera, através de Ayrton, e a mostrou aos demais. Incrédulos<sup>37</sup>, eles viram que realmente aquela era a

<sup>37</sup> Incrédulos: sem acreditar.

mensagem que Glenarvan ditara ao imediato, que foi escrita por Paganel e levada por Mulrady, no dia em que o bando de Ben Joyce o apanhou.



O geógrafo explicou sua “distração”, já que, ao escrever a mensagem ditada pelo lorde, ele estava pensando na terceira possibilidade de encontrar Harry Grant, na Nova Zelândia!

— Bendita distração! — brincou Mac Nabs. — Ainda bem que não mandou o “Duncan” para a Conchinchina!

Tom Austin contou também que não gostou do jeito de Ayrton desde o início, mas devia cumprir a ordem de Glenarvan e aceitou mudar os planos. Quando Ayrton viu a direção que o “Duncan” tomara, resolveu agir pela força, mas foi dominado pela brava tripulação do “Duncan”, que o rendeu e o aprisionou nos porões.

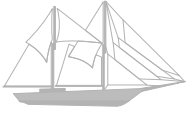
Glenarvan ficou admirado com a atuação da tripulação e cumprimentou Austin pelo bom trabalho. Como tencionasse<sup>38</sup> entregar Ayrton às autoridades no primeiro lugar onde o iate aportasse, foi conversar com ele a respeito. Mas o criminoso Ben Joyce parecia arrependido ou, pelo menos, vencido. E pediu clemência a Glenarvan, para que não permitisse que ele morresse na forca. Rogou<sup>39</sup> a Glenarvan que o deixasse em qualquer ilha deserta do Pacífico, onde ele teria tempo para expiar<sup>40</sup> suas culpas e poderia lutar para viver.

A bondade de Glenarvan não pôde negar tal pedido, e o lorde instruiu o capitão Mangles a respeito.

<sup>38</sup> Tencionar: planejar; projetar.

<sup>39</sup> Rogar: pedir com instância; suplicar.

<sup>40</sup> Expiar: cumprindo pena, sofrer as consequências de.



Pela astúcia do bravo Paganel, o “Duncan” se aproximou da ilha Tabor e eles avistaram, pelo binóculo, um foco de fumaça. Foi o garoto Roberto quem gritou:

— Ouço a voz de meu pai... Ele grita por socorro! Maria!

Todos correram até as crianças, sem compreender. A filha do Capitão Grant caiu ao chão, desmaiada pela emoção. Pouco depois, recobrava os sentidos e fazia coro com Roberto, dizendo ouvir a voz de seu pai.

Glenarvan e os outros não acreditavam nas crianças, achando que elas estavam acometidas<sup>41</sup> de alucinações causadas por algum tipo de febre. Como insistissem e suplicassem, um bote os levou à praia, junto a Paganel e a Mangles.

Lá se encontraram com os três escoceses que sobreviveram ao naufrágio do “Britannia”! Harry Grant, ajoelhado, abraçava os filhos, sem poder acreditar no milagre que o salvava!

Ayrton foi deixado na mesma ilha em que viveu Harry Grant por dois anos, involuntariamente. Ele e seus marinheiros haviam cultivado boa parte das terras, de forma que ela apresentava condições de sobrevivência ao criminoso.

Apesar de todas as provações que passaram pelas atitudes de Ayrton, Glenarvan e seus amigos estavam emocionados ao se despedir do bandido e sentiam um aperto na garganta, vendo o homem atingir o solo da ilha deserta.

<sup>41</sup> Acometer: investir, atacar (doença).

— Você terá tempo para regenerar-se<sup>42</sup>. Prometo que, um dia, o “Duncan” voltará aqui para buscá-lo!



Mangles havia transportado caixas de alimentos em conserva, ferramentas, armas, munição, livros e a Bíblia, para que a regeneração de Ayrton fosse completa, do trabalho à oração, do corpo à alma.

A bordo do “Duncan”, tudo era ventura<sup>43</sup>. A 18 de março, eles partiram para a Europa, pelo cabo Horn e pelo Atlântico.

Na Escócia, o povo saudou os patriotas que retornavam à terra e, por muito tempo, Harry Grant era apontado nas ruas pela fama dos filhos que tinha.

O casamento de Mangles e Maria Grant deu-se logo depois e foi abençoado pelo Capitão Grant.

Roberto cresceu e, sob o patrocínio de Glenarvan, tornou-se um excelente marinheiro, chegando a substituir Mangles no comando do “Duncan”, quando seu cunhado passou a capitão de outro navio de Glenarvan.

Aliás, foi Roberto, comandando o “Duncan”, quem cumpriu a promessa de Glenarvan, indo à ilha Tabor resgatar Ayrton, regenerado.

Mas esta é uma história que ficará para uma outra vez. Se você não quiser perdê-la, não deixe de ler “A Ilha Misteriosa”, desta mesma coleção.

<sup>42</sup> Regenerar-se: melhorar a si; corrigir-se; reabilitar-se.

<sup>43</sup> Ventura: sorte; destino.



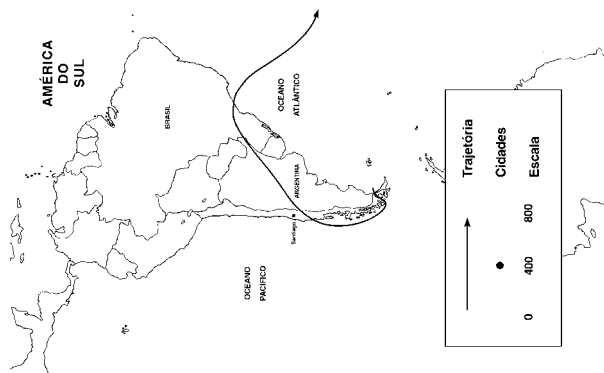
## *Roteiro de Leitura*

- 1.** Onde os tripulantes do “Duncan” encontraram a mensagem do Capitão Grant?
- 2.** Quem era o Capitão Grant?
- 3.** Quem eram Maria e Roberto?
- 4.** Por que as autoridades inglesas não ajudaram lord Glenarvan? O que Helena sugeriu ao marido?
- 5.** Quem entrou por engano no navio?
- 6.** Como o patagão Thalcave incorporou-se à expedição?
- 7.** Seguindo uma pista falsa, o grupo chegou aos pampas argentinos, onde não encontrou o Capitão Grant. Preparavam-se para encontrar-se com todos do “Duncan” que os esperava no Atlântico, quando Paganel formulou outra hipótese sobre o Capitão Grant. Qual era?
- 8.** O que se passara no “Duncan” entre Maria e John Mangles, o capitão do iate, durante a ausência de lord Glenarvan e sua comitiva?
- 9.** Quem o grupo de Glenarvan encontrou logo que aportou na Austrália?
- 10.** O’Moore nada sabia sobre o “Britannia” e seus tripulantes. Mas um empregado seu, sim. Quem era ele? Descreva-o.
- 11.** Ayrton convenceu a todos com suas palavras, exceto Mac Nabs e Mangles. Mesmo assim foi o guia de uma expedição que partiu, por terra, à procura do Capitão Grant. Quem fazia parte do grupo desta vez?
- 12.** Quem era na realidade Ayrton? Qual era sua intenção em relação ao grupo?
- 13.** Desmascarado, Ayrton fugiu. Agora o grupo só pensava em planos para impedir que o “Duncan” fosse sequestrado pelos criminosos. Mulrady deveria levar uma carta ao navio. O que ocorreu com ele?
- 14.** O “Duncan” foi sequestrado pelo bando de Ben Joyce, por isso lord Glenarvan decidiu voltar à Europa, mas desco-

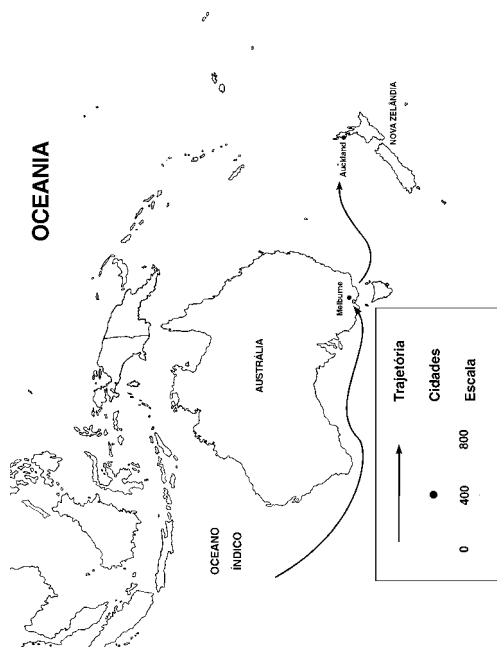
briram que não havia navios disponíveis naquele porto. O que Paganel sugeriu e o que havia por trás dessa sugestão?



- 15.** Durante a viagem para atingir a Nova Zelândia, o navio encalhou numa cinta de corais e eles chegaram à terra numa jangada. Quem encontraram e o que aconteceu?
- 16.** Durante a madrugada, Roberto chega ao acampamento quando só havia quatro guardas vigiando. Ele ensina ensina aos prisioneiros o caminho para a fuga. Onde então eles se escondem?
- 17.** Por que os indígenas não os procurariam nesse local? Como os fugitivos conseguiram sair desse esconderijo?
- 18.** Por uma outra distração de Paganel, a carta que Glenarvan enviara ao “Duncan” pedia que Austin se dirigisse à Nova Zelândia. O que acontecera a Ayrton a bordo do “Duncan”?
- 19.** Quando se aproximavam da ilha Tabor, o que Roberto e Maria ouviram?
- 20.** O que aconteceu a Ayrton?



Levado por hipóteses falsas, lorde Glenarvan dirigiu-se à América do Sul e, pelo Estreito de Magalhães atingiu o Oceano Pacífico. Pelo porto de Talcalmano, ao sul de Santiago, pisou a terra americana, atravessou a Argentina e subiu pela costa brasileira, para atravessar o Atlântico e dirigir-se à Austrália.



Já em Melbourne, na Austrália, Glenarvan percebeu que a pista continuava falsa. Paganel sugeriu ir para Auckland, na Nova Zelândia, onde encontraram o Capitão Grant.